

de putin com amor

josé sequeira gonçalves



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Não acreditem em quem vos assusta com a Rússia, que gritam que à Crimeia se seguirão outras regiões. Nós não queremos a divisão da Ucrânia, não precisamos disso.

Vladimir Putin,
discurso de anexação da
Crimeia à Federação Russa,
18-MAR-2014

Não sei como será a terceira guerra mundial,
mas sei como será a quarta:
com pedras e paus.

Albert Einstein

PARTE UM



I

O mundo desabou em pouco mais de três semanas. Historicamente impensável, este facto veio pôr um ponto final na velha questão de se saber até onde poderia ir o Homem com os recursos que tinha à sua disposição.

Seria de esperar que o agravar da tensão entre as potências nucleares tivesse deixado em alerta os espíritos mais céticos, que consideravam impossível a humanidade destruir-se a si própria numa guerra nuclear, mas foi preciso ela se consumir para que, finalmente, compreendessem que o *impossível* se tornara *possível* sem que se percebesse como.

Os dias deixaram de ter sol, porque um inverno londrino multiplicado por mil se abateu sobre o planeta. Um cerrado nevoeiro engoliu as regiões mais afetadas pelos bombardeamentos, não se percebendo, a partir de certa altura, o critério utilizado para a escolha dos alvos, pois as bombas caíam por todo o lado.

Arrastando-se como zombies num inusitado filme de terror, no meio de gemidos e choro de crianças esfaimadas sem pai ou mãe à vista, os sobreviventes buscavam por entre os destroços os vestígios de um tempo que se extinguiu, algo que os prendesse a uma vida que iria em breve deixar de o ser — passados dois ou três dias, se tivessem sorte, ou ao fim de três ou quatro semanas, no meio do maior sofrimento. Quase todos se iam com cancro.

Em certas regiões, a população desapareceu na totalidade, transformando as cidades em cemitérios sem enterrador, que a maioria nem precisava de ser enterrada, pura e simplesmente desaparecera. Não ficava ninguém para contar, era assunto arrumado. Noutras, o dano era menor, as bombas caíam mais para lá, gerava-se alguma esperança entre os que escapavam, os quais, porém, mais tarde ou mais cedo, seguiriam o mesmo caminho.

Este cenário pavoroso permaneceu confinado, durante algum tempo, às regiões atingidas por mísseis táticos e áreas vizinhas, mas veio a alastrar por toda a parte quando se passou dos mísseis táticos aos intercontinentais, aos ICBM. O descontrolo tomou conta dos governos. As principais cidades foram destruídas e milhões de pessoas mortas em frações de segundo. A humanidade e a vida no planeta tinham os dias contados. Como se chegara a um tal absurdo?

Os alvos começaram por ser locais pouco povoados, mais para assustar do que para destruir. Era então uma guerra localizada, própria de contendores

em fase de estudo do adversário, embora as armas já não fossem as convencionais. Dir-se-ia tratar-se de uma guerra à antiga, ainda que mais quente e travada entre regiões mais distantes entre si. Acabava-se deste modo aquela velha ilusão de que a guerra só interessa às regiões diretamente envolvidas, o resto do mundo não tem de se preocupar com ela. Tinha sido sempre assim no passado, exceção feita às guerras mundiais, mas mesmo estas, de mundiais, tiveram mais a fama do que o proveito, que a maior parte do mundo lhes escapou. Agora, as bombas vinham de muito longe e matavam muito mais, apesar de continuarem a ser lançadas bombas convencionais sobre alvos militares específicos, como quartéis, armazéns de material de guerra e bases de apoio ao lançamento das *nukes*.

Estes bombardeamentos iniciais duraram alguns dias, com grande cobertura nas televisões e nas redes sociais. Tudo o que não fosse guerra acabou relegado para segundo ou terceiro plano por força das audiências, que nunca se haviam alimentado da pequena notícia. A princípio, divagara-se em torno da questão fundamental de saber quem havia dado início às hostilidades. Tinha de ser, alguém teria de pagar a fatura no final, contanto que no final ainda houvesse gente para a pagar. Depois, descobriu-se que não havia forma de o saber, cada lado punha as culpas no outro. Finalmente, chegou-se à conclusão de que não serviria para nada sabê-lo, pois o mal estava feito, o que importava era ver como se parava a coisa, antes que o mundo ficasse reduzido a cinzas.

As televisões, sempre na vanguarda, exibiam imagens de locais arrasados lado a lado com imagens dos mesmos locais antes dos bombardeamentos, de forma a chocar os espetadores e, com isso, ultrapassar nas audiências os canais concorrentes. As bombas a explodir e a libertar o cogumelo *leviatânico*, de tão expressivas que eram, começaram por ser censuradas pelas próprias direções de informação, mas ao fim de uns dias entendeu-se que mostrar uma guerra nuclear sem as respetivas explosões nucleares seria como ir a Roma e não ver o papa, e então decidiu-se passar a mostrar tudo. As bombas a explodir, as casas a cair, as pessoas a morrer. A informação não podia autocensurar-se num momento como este. Entrevistas a gente de olhar alucinado e dizendo coisas sem sentido, bombeiros e enfermeiros a mostrarem a sua frustração por não conseguirem circular as ambulâncias por entre os escombros, gemidos e gritos de gente soterrada, ansiando por ajuda, crianças a deambular pelas ruas em busca de comida, par a par com cães e gatos vadios, tudo isso a televisão mostrou sem o mínimo de escrúpulos durante alguns dias. Mas foi demais, considerou-se que foi demais, era desculpável, nunca tinha havido uma guerra nuclear antes, e então a censura voltou. No entanto, era demasiado tarde para atos de contrição. As imagens televisivas do horror foram recuperadas

pelas redes sociais e agora quem queria continuar a alimentar-se dele bastava-lhe aceder ao «4all», a rede mais popular daquele tempo, a nível mundial. Esta e outras redes sociais justificavam-se argumentando que esta era a sua forma de combater a guerra: mostrando toda a sua crueza para, desse modo, levar os governantes a acabar com ela. Ninguém acreditou nisso.

Sucediam-se manifestações de cunho religioso, um pouco por toda a parte e quase sempre acompanhadas de gigantescas procissões, nas quais se suplicava ao Altíssimo que pusesse fim à guerra. Os líderes das potências envolvidas surgiam nos ecrãs a pôr água na fervura, nomeadamente quando as bolsas de valores encerraram e a falência da generalidade das empresas se tornou inevitável. Garantiam, todos eles, que a guerra terminaria no dia seguinte, pois as suas bombas estavam a causar mais danos do que as do inimigo — como se, com o desequilíbrio de forças, pudessem eles alguma vez sentar-se à mesa a discutir a paz. Seria caso inédito na história das guerras: tu estás a perder, mas, tudo bem, vamos negociar...

Enquanto este cenário se confinou à Europa, parecia generalizada a ideia de que o bom senso viria a prevalecer e tudo acabaria por se resumir a uma troca de mísseis nucleares estratégicos entre três países: a Rússia, a França e o Reino Unido. Quando se percebesse que o conflito não levaria a nada, melhor dizendo, que o conflito acabaria com tudo, os líderes políticos deixariam de lançar bombas uns aos outros e teriam de se sentar à mesa a conversar. Começava, no entanto, a ser demasiado tarde para isso. Os mortos estavam a deixar de ser contados às dezenas para passarem a ser contados às centenas. Uma semana depois, aos milhares. Depois desta, deixaram simplesmente de ser contados. Deixaram também de ser enterrados em campas individuais, que foram substituídas por enormes valas comuns à entrada dos centros urbanos.

Não obstante, ainda havia forças para se acreditar que a paz estivesse ao virar da esquina. A comunicação social, por uma vez na vida sinceramente preocupada com o que noticiava, deixou de mostrar o horror e passou a mostrar o dia a dia das populações na sua nova realidade. Lá estavam as crianças a brincar por entre os escombros, os adultos a deslocar-se de manhã para o trabalho, os transportes a circular por onde podiam circular, entrevistas com pessoas de espírito positivo, conversas com altas individualidades em que se pedia bom senso e negociações de paz. Era preciso que todos entendessem que o fim da humanidade estava mais perto do que nunca e que havia que sentar à mesa os responsáveis políticos, enquanto ainda havia mesas para se sentarem.

E foi então, quando menos se esperava e se começava a acreditar que a paz podia chegar a qualquer momento, que um míssil de longo alcance, daqueles

que ninguém parecia ousar disparar, veio do Extremo Oriente e caiu sobre os EUA, destruindo parte da cidade de Newdream, no Oregon, e tudo o resto num raio de sete quilómetros. Muitos milhares de pessoas morreram instantaneamente, ao mesmo tempo que a explosão elevava no ar um gigantesco cogumelo com 60 quilómetros de altura, dez vezes maior do que o de Hiroxima e visível nos estados vizinhos. O mundo estremeceu, principalmente o mundo ocidental, porque não se imaginava que os países do Extremo Oriente tivessem desenvolvido este tipo de tecnologia, armas capazes de percorrer uma distância superior a 8000 quilómetros. A espionagem falhara rotundamente.

Foi então, e só então, que se percebeu que se havia chegado a um ponto sem retorno. A escalada da guerra seria inevitável, se os EUA respondessem à agressão na mesma moeda, não se compreendendo que o não fizessem. A guerra seria alargada à América e à Ásia, as armas passariam a ser os temíveis mísseis *ICBM*, a humanidade teria os dias contados, provavelmente pelos dedos das mãos.

O mundo esteve em suspenso durante dois dias, não havendo disparos alguns de parte a parte. Era como se o planeta tivesse sustido a respiração, na expectativa do que iria acontecer a seguir. As televisões passavam agora imagens idílicas do mundo perdido uns dias antes da primeira bomba: crianças brincando com o cão no jardim, gente a jantar em esplanadas ao pôr do sol, jogos de futebol com as bancadas ao rubro, concertos musicais (até o festival de Woodstock, de 1969, veio à tona) e naturalmente imagens de momentos marcantes da História, em que o apaziguamento vingara, como o encontro entre Krushtchev e Kennedy e a viagem de Nixon à terra de Mao. Gorbachev e Reagan também apareceram, mas só nas televisões do Ocidente.

A ânsia de paz, ainda que se percebesse que nada voltaria a ser como dantes, percorria o globo. Manifestações espontâneas a pedir o fim da guerra surgiram por toda a parte, fazendo unir nessa esperança partidos políticos que até aí se haviam digladiado até à exaustão. Havia chegado finalmente o tempo em que todos queriam o mesmo e que de pouco serviria porem-se a gritar cada um por seu lado.

Durante estes dois dias, os líderes das duas maiores potências falaram pelo telefone vermelho, ninguém sabendo o que foi discutido. Acreditou-se que era um primeiro passo para acabar com o conflito, iria certamente haver conversações de paz nos dias seguintes.

No terceiro dia, porém, o mundo assistiu aterrado ao disparar de dois mísseis intercontinentais a partir dos EUA, um para leste, em direção à Europa, e outro para oeste, em direção à Ásia. Trump perdera a paciência com Vladimir Putin e com Kim Yo-jong, a irmã de Kim Jong-un, que o derrubara num golpe

de Estado e assumira o governo da Coreia do Norte. A guerra tornava-se assim a tão propalada e receada Terceira Guerra Mundial, pelo alargamento à América e à Ásia.

A expressão «Terceira Guerra Mundial» engoliu num ápice as televisões e as redes sociais, como se há muito todos estivessem ansiosos por utilizá-la. Outras expressões ou clichés entraram também na ordem do dia: «Não há duas sem três», «Entre mortos e feridos, alguns hão de escapar», «Quem vai à guerra dá e leva», esta última numa alusão evidente à certeza de que, a um míssil nuclear enviado, haveria sempre um míssil nuclear recebido. E era exatamente isso que começava a acontecer. A Rússia respondeu ao míssil americano com um míssil intercontinental apontado ao Texas, os americanos responderam com outro apontado à Sibéria. A Coreia do Norte enviou um segundo míssil que não chegou aos EUA, caiu no mar, enquanto a China fazia contas à vida e hesitava quanto ao envolvimento numa guerra que não iria ter vencedores. Ainda que não participasse, a China não se livrava de ver desaparecer o predomínio económico que vinha exercendo nas últimas décadas. Acabava-se provavelmente o «Made in China».

Ao fim de alguns dias, os mísseis *ICBM* já se contavam às dezenas, trocados entre a Rússia, os países do Ocidente e a Coreia do Norte. Gigantescos cogumelos nucleares ensombravam os ares e eram vistos a centenas de quilómetros de distância. Para quem ainda conseguia ter fé, estava-se em pleno Armagedão, acreditava-se que as forças do bem acabariam por derrotar as do mal, mas nem mesmo gente com fé conseguia imaginar que bem seria esse que emergiria das cinzas de uma tal hecatombe.

O cessar-fogo aconteceu ao cabo de três semanas, sem ter havido acordo ou rendição de qualquer das partes. Os mísseis deixaram de cruzar os ares, foi só. As televisões calaram-se, as redes sociais e os jornais desapareceram, a ignorância sobre o que se passava tornou-se absoluta. E o mundo escureceu, à espera de um dia que nunca mais nasceria igual...

II

Tinha sido uma manhã como as outras. Alex levantara-se tarde, tomara o seu café com *blini*¹ lá pelas 11 horas, deixara a cama por fazer e o quarto por arrumar. A mãe rezara-lhe a cantiga do costume, de dedo em riste e voz crispada: «Aleksandr Muscovich, faz favor de arrumar o quarto, já não és uma criança!» Ele, moita. A mãe que se preocupasse com o almoço do pai, que era mais importante. Estava de férias, tempo era o que mais tinha, trataria do quarto noutra altura. Alex não o poderia saber, mas, na verdade, estava redondamente enganado quanto a esta impressão de que o tempo chegava e sobrava para o que lhe desse na real gana. Não iria ter tempo para arrumar o quarto nesse dia, nem no dia seguinte, nem nunca mais. Aquele quarto não voltaria a ser arrumado.

Enquanto trincava o *blini*, pegou no telemóvel e reparou que tinha uma chamada não atendida. Era da sua amada Anna, que nunca ficava na cama até tão tarde como ele. «A minha Annushka tem saudades de mim», pensou, feliz, guardando o telefone no bolso e bebendo o resto do café de um trago.

— Até logo, mãe. Não venho almoçar — gritou para a cozinha, onde a mãe passava o dia. Alex não conseguia perceber a atração da mãe pela cozinha, mas afinal era o que faziam quase todas as mulheres da sua cidade, OPOCHKA, uma simpática localidade russa situada perto da Letónia: sempre que podiam, sentavam-se em volta do samovar e passavam o dia a beber chá e a comer bolos. Uma tradição que se perdia na memória dos tempos, em OPOCHKA e em grande parte da Rússia.

Nesse dia, à semelhança do que vinha fazendo nos últimos tempos, Alex não se deu ao trabalho de ligar a televisão e saber o que ia por esse mundo fora. As notícias não eram as melhores, só se falava em exércitos de prevenção e guerra iminente, e isso deixava-o imensamente irritado, mais do que preocupado. Ele sabia que todo esse alarido não passava de fogo de vista, de palavreado da boca para fora, e que por isso mesmo não valia sequer o tempo que se perdia a atentar nele. Preferia ignorá-lo e viver a sua vida como lhe aprazia: em música, pela música e para a música. Desde que não lhe tirassem a guitarra, o resto que se lixasse.

É certo que esta atitude o resguardava da tensão internacional que por essa altura agitava os canais diplomáticos, mas é sabido que ignorar um

¹ Blini é um tipo de panqueca tradicional da Rússia, feita com massa fermentada de farinha de trigo branco ou trigo mourisco, aveia, cevada ou centeio, com leite, ovos e nata.

problema não acaba com ele. De facto, os noticiários abriam invariavelmente com Donald Trump a discursar, de braços no ar, ameaçando a Rússia e a Coreia do Norte de que lhes faria isto e aquilo, ou com Vladimir Putin, num outro extremo, a acalmar a população e a garantir que a situação estava sob controlo. Nesse dia, porém, os noticiários abriram com um discurso diferente de Putin. O presidente russo acusava abertamente os países europeus, os EUA e a NATO de se terem colocado em estado de guerra com a Rússia, uma vez que não haviam aceiteado a «libertação» da Ucrânia. Com efeito, desde janeiro deste ano de 2025 que toda a Ucrânia fora tomada e prontamente anexada à Rússia, mas o Ocidente havia continuado a fornecer dinheiro e armamento aos rebeldes ucranianos, dando origem a uma guerra de guerrilha que ia minando a soberania russa. Assim sendo, concluía Putin, a Rússia reservava-se o direito de responder em conformidade.

Era um facto que a conquista da Ucrânia continuava a ser negada pelo Ocidente, apesar de o exército russo dominar completamente o país e de ter conseguido finalmente apanhar Volodymyr Zelensky, que se havia escondido com a mulher numa pequena aldeia no centro do país. A recusa do Ocidente em aceitar a situação como um facto consumado criava um problema à diplomacia internacional, na medida em que impedia as partes de se sentarem à mesa a discutir o futuro da região. Ninguém conseguia prever que fim estaria reservado a este imbróglio.

Nos últimos tempos, os russos haviam voltado a apoiar o seu presidente, depois de um período de autêntico caos no país, em que o Ocidente acreditou que Putin cairia às mãos do seu próprio povo. A ordem fora restabelecida e o avanço sobre a Ucrânia tornou-se imparável. Putin passou a ser considerado o maior russo da História, a seguir a Lenine (muitos diriam: a seguir a Estaline).

O argumento para a «operação militar especial» na Ucrânia, três anos antes, fora o mesmo de sempre, mas um argumento válido: a Rússia não queria ficar cercada pela NATO, da mesma forma que um país do Ocidente não queria ficar cercado pelos países do antigo Pacto de Varsóvia, se este tivesse sobrevivido à Guerra Fria. Apesar de, na altura da queda do Muro de Berlim, a NATO ter garantido que não iria admitir os países do antigo bloco comunista, não é menos verdade que estes foram pedindo para aderir e a NATO os foi aceitando. Em poucos anos, mais de metade dos antigos aliados da URSS passaram a fazer parte da organização militar do Ocidente. Em nada este facto poderia contribuir, no futuro, para um mundo mais pacífico, reconheça-se.

Alex tinha dezassete anos, uma vida inteira pela frente, e se havia coisa de que não queria ouvir falar era de guerras. O seu irmão mais velho morrera em combate na Ucrânia, ainda assim a família não deixara de apoiar a «operação

militar especial». A mãe perdera um filho, mas o país ganhara um herói, não podia haver maior orgulho. Uma enorme foto do irmão, tendo por baixo a Medalha de Jukov com que foi postumamente condecorado, dominava a parede mais comprida da sala, havendo ao seu lado, em local que toda a gente visse, um belíssimo retrato de Vladimir Putin, envergando um uniforme militar. Alex abominava aquela adoração dos pais em relação a alguém que ele não suportava, mesmo sendo o presidente do país, mas entendia que isso era lá com eles. Provavelmente já não tinham idade para mudar de ideias, que é uma capacidade que se vai perdendo à medida que os anos passam.

Anna Petrovna Burisheva, a namorada de Alex, tinha a mesma idade e era, na opinião dele, a moça mais bonita de OPOCHKA. Alta, bem torneada, olhos de um azul-celeste que o deixavam em êxtase e um sorriso capaz de derreter as neves eternas do Elbrus, havia sido amor à primeira vista. Eram colegas de escola, mas tinham sonhos e planos diferentes para o futuro. Anna queria seguir o curso de medicina e trabalhava imenso para isso, pois sabia que, sem esforço, não chegaria lá. Tirava sempre grandes notas ao longo do seu percurso escolar. Ele, pelo seu lado, não ligava muito à escola, ainda que fosse bastante respeitado por professores e colegas. O que queria mesmo era ingressar num conservatório artístico e estudar música. Não conseguia ler uma linha numa pauta, mas tal não constituía impedimento, pois, argumentava ele, os Beatles também não sabiam música quando começaram. Pretendia entrar no conservatório de Rostov, onde vivia um tio que por certo lhe daria guarida durante os estudos. É claro que os seus pais não tinham conhecimento de uma tal ambição. Para eles, Alex era um rapaz muito inteligente que um dia haveria de ser o que bem quisesse, assim lho garantiam os professores, mas dificilmente aceitariam de bom grado que a sua inteligência lhe desse para ser músico.

Planos à parte, Alex e Anna estavam ambos apaixonados pelo *rock*. Juntamente com Mikhail, Sergey e Ivan, que os aguardavam para o ensaio desse dia, constituíam a única banda rockeira de OPOCHKA. A banda levava o nome radical de Apokalipsis, sugerido por Alex e logo aceite pelos outros. Nome mais explosivo seria difícil de encontrar, mas os jovens são assim mesmo, sentem necessidade de chocar pelo exagero os mais velhos. O grupo tinha pouco mais de cinco meses de existência, as canções não eram ainda muitas, mas entusiasmo não lhes faltava. Acreditavam piamente que dentro de um ou dois anos conseguiriam tornar-se conhecidos em todo o *oblast* de Pskov.

Os Apokalipsis procuravam uma linha musical original, misturando o vigor dos AC/DC, por quem sentiam verdadeira adoração, à perturbante melancolia dos Kino, a banda russa cujo líder, Viktor Tsoi, se tornara um mito

após o seu trágico desaparecimento em 1990. Eram estilos muito diferentes, porém nenhum destes jovens duvidava de que iriam atingir tal objetivo, contando que os adultos ganhassem juízo e não mandassem o mundo desta para melhor.

Alex montou-se na sua bicicleta e dirigiu-se para o local onde a banda costumava ensaiar, ao fundo da Rua Lenine. A meio do percurso, esperava por si a bela Anna, encostada a um candeeiro e também de bicicleta na mão. Era o ponto onde costumavam encontrar-se, nos dias de ensaio. Abraçaram-se e beijaram-se como se não se vissem havia séculos ou como se não houvesse amanhã.

— Anna, amor, conseguiste fazer aquilo?

Ela resmungou, fazendo-se amuada:

— Se tivesses ligado ao telefone já o saberias.

Ele, de sobrolho franzido:

— Porquê? O que aconteceu?

— Não aconteceu nada, Alex Muscovich. Simplesmente os meus pais entenderam que ontem era dia de estarmos juntos, em família, a cumprir aquele ritual que eles adoram: comer, beber chá e contar histórias. Tempo para me refugiar no quarto, népia.

— Quer dizer que não escreveste a letra da canção?

Anna suspirou. Ele também.

— Íamos tentar acabar a canção hoje, Annushka. Tinhas prometido escrever a letra...

Anna encolheu os ombros.

— O que queres que te diga? Eles acham que as férias escolares são para a família passar o tempo junta, o que hei de fazer?

Puseram-se a caminho, montados nas bicicletas, em silêncio. Teriam de continuar a ensaiar a canção com «trá-lá-lá», como até aí. Não tinha nada de mais, era sempre assim que faziam, todas as cinco canções compostas pela banda haviam principiado da mesma maneira: uma linha melódica criada por Alex, uns floreios de Mikhail no órgão e uns «trá-lá-lás», até que Anna escrevesse a respetiva letra. Em relação a esta sexta música, o «trá-lá-lá» parecia estar para durar, daí a impaciência de Alex.

Percorrida toda a Rua Lenine, chegaram ao «retiro dos heróis», nome pomposo que davam ao buraco onde se enfiavam para ensaiar. Já lá estavam os restantes membros da banda: Mikhail agarrado ao telemóvel, Sergey agarrado ao telemóvel e Ivan agarrado ao telemóvel. Como de costume.

A cave onde se juntavam situava-se por baixo da casa de Mikhail. Havia sido escolhida por ser a que possuía melhores condições acústicas, o som era

abafado pelo recheio das prateleiras e estantes que cobriam as paredes e não se ouvia praticamente nada em cima.

Nesse dia, haviam dito às famílias que almoçariam no *retiro*, Mikhail tinha lá sempre comida com fartura. Não que fosse um caso de vida ou de morte, mas estavam em pulgas por terminar a canção: o Dia do Conhecimento, 1 de setembro, aproximava-se a passos largos e o regresso à escola iria tornar tudo muito mais complicado. Além disso, seria ótimo poderem apresentar a canção à comunidade nesse mesmo dia, quando Oepochka comparecia em peso nas escolas para homenagear professores e alunos.

Com pouca vontade para mais um «trá-lá-lá», Alex sugeriu que fizessem antes um ensaio geral de todas as canções que já tinham. Mikhail ainda propôs que Anna se recolhesse na parte de cima da casa para escrever a letra da canção, pois encontrava-se vazia, mas ela respondeu que não conseguiria ficar lá em cima sabendo que Alex, o seu amado, estava ali em baixo. O ensaio geral prevaleceu.

Foram tocando e comendo ao longo do dia, descontraidamente, como se de músicos profissionais se tratasse. Ivan, o mais novo do grupo (o *rebenok*, como lhe chamavam), fazia grandes habilidades na sua bateria, e às vezes era preciso pôr-lhe um travão, não havia necessidade de tanta batucada, diziam-lhe eles. Ivan ria-se, mas procurava, na medida do possível, limitar o entusiasmo das suas baquetas. Quanto a Sergey, era a discrição em pessoa. Fazia poucos floreios na guitarra-baixo, de acordo com a sua maneira de ser e de estar na vida, contribuindo dessa forma para um estilo muito próprio da banda: um ritmo fortemente marcado pela bateria, mas complementado por um baixo quase impercetível. O teclado de Mikhail, o mais velho do grupo, fazia o quanto bastava para equilibrar o ritmo e manter uma linha melódica coerente. Os rendilhados de Alex na guitarra acústica, à qual ele chamava *Fendy*, por ser uma *Fender*, faziam com que tudo aquilo soasse a *rock*, qualquer que fosse a linha melódica seguida. Por fim, como a cereja no topo do bolo, a voz forte e bem timbrada de Anna tornava o conjunto naquilo que se poderia expressar por uma única palavra: perfeito. Era assim a música dos Apokalipsis e eles sabiam-no.

Às 5 horas da tarde mais 32 minutos, as luzes apagaram-se, interrompendo a música, e um estrondo pavoroso, que se prolongou por segundos intermináveis, atirou com tudo para fora do lugar, incluindo eles mesmos. Começava assim o maior dos seus pesadelos.

III

Um míssil nuclear de médio alcance havia sido lançado sobre a região de OPOCHKA, onde existia um silo de *ICBM*, os temíveis mísseis intercontinentais. Era a resposta da França a um míssil russo recebido meia hora antes e que atingira a zona industrial de Metz. Cerca de uma hora depois, o Reino Unido disparava também um míssil nuclear que explodiria sobre a região de Smolensk. Iniciava-se assim a guerra mais receada de sempre, aquela que poderia acabar com a espécie humana.

Nenhum destes mísseis caiu sobre cidades, mas o impacto de qualquer deles varreu tudo num raio de cinco quilómetros, tendo as ondas de choque atingido zonas povoadas, como foi o caso de OPOCHKA. A radiação engoliu toda a região num ápice, enquanto uma chuva de cinza começava a cair suavemente sobre a zona leste da cidade. As águas do Velikaya galgaram as margens com enorme violência, causando a diminuição do caudal, por força da evaporação, e enchendo as ruas de peixes mortos, as duas imagens que mais impressionaram quem assistiu e teve a sorte de ficar vivo. O silo do *ICBM*, porém, permanecera intacto.

No «retiro dos heróis», totalmente às escuras, procurava-se entender o que acontecera. A primeira reação foi um silêncio sepulcral, pelo sucedido e pela expectativa de voltar a suceder, assim à moda dos fogos de artifício, em que um foguete precede sempre outro e a seguir a este um outro virá. Quando se percebeu que não havia mais, ouviu-se um curto comentário, em forma de pergunta:

— O que foi isto?

Quem assim falou foi Anna, a primeira a intervir, talvez porque, no recôndito da sua feminilidade, acreditasse que os rapazes percebem mais de explosões do que as raparigas.

Sabia-se o que tinha sido, ou suspeitava-se do que tinha sido, só que era uma realidade tão difícil de aceitar que até soava a disparate mencioná-la sem ser por brincadeira. As explosões nucleares faziam parte do imaginário dos jovens, desta e de outras gerações, mas apenas através de filmes de ficção científica, a mesma ficção científica que lhes dava a conhecer o *Jurassic Park* e o *Godzilla*. Ninguém acreditava, por certo, que alguma vez o mundo viesse a ser palco efetivo de ataques nucleares, da mesma forma que ninguém esperava ver a passear pelas ruas o *Godzilla* ou um *Tyrannosaurus rex*.

— Estão todos bem? Digam alguma coisa.

Mikhail, o anfitrião, achou que devia fazer as honras da casa e, nessa medida, ser ele a inteirar-se do estado de cada um, como se se sentisse responsável pelo que acontecia em sua casa.

— Eu acho que estou inteiro — murmurou Ivan, apalpando-se rapidamente por todo o corpo, no meio de total escuridão. Fora projetado ao solo e levava atrás de si a bateria, que se desconjuntou. Sergey confirmou que também estava inteiro, embora tivesse batido com a cabeça em qualquer lado e, sem o saber, estivesse a sangrar. Mikhail e Anna levantaram-se do chão, atordoados, mas sem quaisquer ferimentos. Alex, por sua vez, continuava no mesmo sítio, sentado numa caixa de madeira e de guitarra nas mãos, feito estátua.

Quando perceberam que não havia problema de maior, lançaram-se em busca dos telemóveis, o seu bem mais precioso naquele momento. Sergey tinha-o no bolso, não foi preciso procurar muito, e, ligando a aplicação da lanterna, apontou-o aos colegas, que andavam a vasculhar por entre a traquitana amontoada no chão, como quem joga à cabra-cega.

Alex era a exceção. Permanecia sentado. De guitarra ainda nas mãos e entregue a si próprio, ausente. Anna estranhou e foi até junto dele.

— Alex! Estás bem?

Não parecia ferido, pelo menos por fora. Ela passou-lhe a mão pelo rosto e cofiou-lhe aquela barba rala com que costumava meter-se consigo. («Isso não é barba, é penugem», usava gracejar, enquanto ele a coçava como se tivesse uma barba à *Charles Darwin*). Notou que o namorado tremia, um tremer intenso e em todo o corpo, parecia que um frio de rachar se tinha apossado dele. Estava-se em pleno verão, frio não podia ser (desmistifique-se desde já a ideia de que na Rússia há frio durante todo o ano e em toda a parte, a Rússia é tão grande que, quando está frio num lado, está calor no outro, pelo menos é o que diz o povo).

— O que foi, amor? Estás ferido?

Ele negou com a cabeça e suspirou. Olhou para ela e, quase num sussurro, murmurou:

— Não quero acreditar que aconteceu, mesmo...

Pousou a guitarra e abraçou a sua amada. Alex acabara de constatar que estava errado, que a sua teoria sobre o palavreado da boca para fora por parte dos políticos tinha ido por água abaixo. Aquilo que nunca iria acontecer aconteceu mesmo, e no sítio onde ele se encontrava. Era uma inversão total das suas convicções, da sua forma de entender os homens, o que lhe fez uma confusão enorme, pois raramente o que acontecia por esse mundo fora o surpreendia. Enganara-se e logo naquilo em que não se podia ter enganado. Pela primeira vez sentiu-se reduzido à ínfima espécie, um ser amorfo, ignorante, que não contava para nada.

— Isto foi uma bomba que explodiu, não foi? — perguntou Ivan, sempre o menos lesto a perceber o que todos julgavam perceber primeiro.

Olharam-no, os outros. Ivan era como que a mascote do grupo, não havia forma de não gostar dele, mas às vezes faltava a paciência para aturar tanta ingenuidade.

— Foi uma bomba, sim, mas das fortes — respondeu Mikhail.

— Caramba! Vejam bem como isto ficou — Ivan apontava o dedo para os instrumentos da banda, espalhados pelo chão, exceção feita à guitarra acústica de Alex. Todas as partes da sua bateria pareciam intactas, já o mesmo não se podia dizer do órgão, cujo teclado caíra sobre a mesa de mistura e perdera algumas teclas. Mikhail ficou sem palavras, o seu órgão ainda nem pago estava...

Passados os primeiros instantes de confusão, era tempo de organizar as ideias.

— Temos de poupar a bateria dos telemóveis, não sabemos quanto tempo vamos ter de ficar aqui — disse Sergey, levantando o seu *Samsung 3.0* no ar em busca de rede.

Ivan arrebitou a orelha e olhou-o, sem perceber. Iriam ter de ficar naquele buraco? Porquê?

— Alguém tem rede? — Anna imitava Sergey, de braço no ar e olhos no ecrã do telefone. Nada. Ninguém tinha rede.

Mikhail pôs-se a rebuscar numa gaveta onde havia todo o tipo de bugingangas, há sempre uma gaveta destas nas caves. Procurava uma lanterna. A gaveta só tinha pregos, parafusos e ferramentas diversas. Poderiam vir a dar jeito, é certo, mas a lanterna era mais importante. A um canto da cave havia uma espécie de baú, no qual, surpreendentemente, nunca tinham reparado, talvez por estar coberto por roupas. Era agora, no meio da escuridão e com a luz do telemóvel, que se apercebiam dele, dando razão ao dito popular de que a necessidade aguça o engenho.

Mikhail abriu o baú, com grande dose de curiosidade à mistura, e viu que estava cheio de coisas antigas, quase tudo papel: jornais, revistas, faturas, cadernos da escola. Havia também um pequeno embrulho de plástico, atado, ao qual Mikhail não ligou, pois percebeu que devia conter mais papéis. O que ele queria era a lanterna, e, milagre dos milagres, daqueles que só acontecem nos filmes, no fundo do baú lá estava uma lanterna, com uma caixa de pilhas ao lado. Antes que se comece a especular que é um pouco despropositado encontrar uma lanterna com pilhas dentro de um baú numa cave, pense-se que, algures no tempo, poderá ter acontecido o que Mikhail aventou:

— Alguém já deve ter ficado sem luz nesta cave, e lembrou-se de deixar aqui uma lanterna para uma emergência futura.

Concordaram, era uma explicação aceitável. Mikhail acendeu-a, ouvindo-se uns «ah» de alívio quando a apontou à sua volta, como se tivesse, de facto, mudado alguma coisa na situação deles.

— Temos luz, companheiros, já podemos ficar por aqui o tempo que for preciso.

Ivan começou a ficar irritado, não entendia o que se passava.

— Porque é que temos de ficar aqui, afinal? — perguntou. Mikhail apontou-lhe a lanterna, tentando perceber se o miúdo falava a sério. Alex decidiu então retomar o seu papel de líder, deixando para trás o que, poucos minutos antes, lhe havia ensombrado o espírito a respeito das suas certezas. Chegou-se junto de Ivan e disse-lhe, muito devagarinho, tal como diria a uma criança:

— A bomba que acabou de cair foi das fortes, Vanya, porque foi uma bomba nuclear. É a razão por que vamos ter de ficar aqui.

— Mas... mas... como podemos ficar aqui? E a comida? E os nossos pais?

Ninguém respondeu. Talvez devido à sua idade, Ivan era o único que ainda pensava nos pais quando se via em apuros. Não que fosse um *menino da mamã*, mas era o que sentia maior necessidade da asa protetora da família. Andava ainda a navegar nas águas da pré-adolescência.

Logo surgiram as primeiras conjeturas sobre os cenários que dominariam o mundo exterior nesse momento, desde os mais brandos aos completamente apocalípticos. Teria sido uma *simples* bomba ou estaria já o mundo em plena guerra? Teria alguma cidade sido já destruída, como acontecera a Hiroxima em 1945? Teriam os familiares deles ficado feridos? Estariam mortos? Mikhail pousou os olhos no bombo da bateria, onde aparecia inscrito o nome da banda, Apokalipsis, e esboçou um sorriso irónico. Pela primeira vez, aquele nome parecia-lhe um perfeito disparate. Alex havia sido o autor, inventara-o no meio de uma discussão sobre a Bíblia, em que ele, Alex, se metera com Sergey e com as suas convicções religiosas. Havia estado a brincar com o fogo, era o que era, agora aí tinham o prémio.

Anna dobrou-se e apanhou uma lata de conserva do chão. Havia imensas por ali espalhadas, tantas que o solo parecia forrado a conservas.

— Acho que comida não vai ser o nosso maior problema — disse, mostrando a conserva aos amigos. A marca era Ramirez, de conserva portuguesa. A família Ligatchev adorava conservas portuguesas, quase todos os dias comiam atum, sardinha e cavala. Mikhail confirmou-o:

— Sim, esta é a principal despensa da casa, há por aqui muita coisa. Conservas, quase tudo.

Havia conservas, havia bolachas salgadas, havia também latas de fruta

aos bocados e frascos com feijão. Era uma despensa rica, de fome não iriam padecer tão cedo.

— E água? Terá sobrado alguma?

De repente deu-lhes a sede a todos. Mas não tinham com que se preocupar: Mikhail apontou a lanterna para o local onde costumavam abastecer-se durante os ensaios. Lá estavam várias embalagens de garrafas e alguns garrafões.

Nesse instante, Anna ligou o interruptor das luzes, só para ter a certeza de que não andavam por ali a fazer figuras de urso, de lanterna na mão e afinal já haver luz. As luzes continuaram apagadas e o mesmo acontecia com a iluminação pública no exterior, pois pelo respirador da cave não passava uma nesga de luz. Oepochka deveria estar completamente às escuras.

Ivan levou uma garrafa de água à boca, deu uns goles e, limpando a boca à manga da camisa, saiu-se com esta:

— Porque é que dizem que foi uma bomba nuclear? Pode ter sido uma bomba das outras. Se caiu aqui perto, o impacto teria de ser algo parecido a isto.

Ficaram em silêncio. No primeiro instante, para considerar que o *rebenok* não ganhava juízo, continuava a raciocinar como uma criança; no segundo instante, para pensar que o *rebenok* poderia afinal ter razão; no último instante, para reconhecer que, razão, o *rebenok* a tinha toda. Qualquer bomba que caísse ali perto, fosse nuclear ou convencional, ou se calhar até caseira, teria causado o impacto que esta causou. Perceberam que haviam empolado a sua análise devido às notícias da televisão, que todos os dias atormentavam o povo com o nuclear, as bombas nucleares, a guerra nuclear. Não surpreendia, por isso, que uma qualquer explosão com impacto fosse logo tomada por um ataque nuclear.

— Não deixas de ter razão, Vanya. Pode não ter sido uma explosão nuclear — comentou Alex, ainda espantado com o facto de não ter sequer pensado nisso.

— Então, como é que vamos saber? — perguntou Anna, fixando o namorado.

Por cima da cave, em casa dos Ligatchev, não havia ninguém, o que obrigava a ter de se sair do buraco para comunicar com quem quer que fosse. Não tinham muito por onde escolher.

— Não sei, se calhar teremos de ir lá acima espreitar — respondeu Alex.

Nenhum se mostrou interessado em arriscar, o ditado «a curiosidade matou o gato» nunca parecera tão apropriado. Mas a verdade é que, saindo ou não do buraco, todos acabariam por ser afetados se a explosão tivesse sido nuclear. Alex compreendeu-o e decidiu avançar:

— Eu vou.

Despiu o pulôver e envolveu com ele a cabeça, deixando apenas os olhos de fora. Fê-lo porque o tinha visto em filmes, não porque acreditasse que serviria para alguma coisa.

— Desejem-me sorte — pediu ele, meio a sério meio a brincar.

Pegou na lanterna de Mikhail e subiu lentamente os degraus que conduziam ao exterior. Nessa curta viagem, que pareceu durar uma eternidade, Alex viu passar diante de si grande parte da sua vida, não percebeu porquê. Foi como um álbum de memórias que se foi abrindo à medida que atacava cada degrau. Ele foi o momento em que entrou pela primeira vez naquela cave, ele foi o momento fantástico em que conheceu Anna, ele foi o primeiro beijo, a primeira guitarra, a primeira canção. Ele foi, também, a notícia da morte do irmão na guerra da Ucrânia e a raiva que então o tomou, para sempre, em relação a Vladimir Putin...

Quando chegou ao fim das escadas, agarrou a maçaneta e, com mão trêmula, abriu a porta que dava para o piso superior. O corredor não parecia muito desarrumado, apenas alguns quadros e vidros espalhados pelo chão. Vários dos quadros eram fotografias de Vladimir Putin, os pais de Mikhail adoravam-no. Quando chegou à sala, porém, Alex arregalou os olhos: não havia um único objeto intacto, sendo que o chão constituía um caótico amontoado de destroços. Mesas e cadeiras partidas, livros ao deus-dará, um móvel de pernas para o ar e sem gavetas, que se haviam espalhado por todo o lado, vidros partidos. A parede do fundo dava a impressão de ter sido golpeada por facas e outros objetos de metal, de picada que estava, enquanto ao centro surgia um quase buraco que mais não era do que o resultado do impacto do samovar projetado contra a parede. A janela desaparecera.

Pelo ar percebia-se um pó difuso cuja origem Alex não conseguiu descortinar. Podia ser pó, podia ser fumo, podia ser a mistura dos dois. Aproximou-se da janela, a medo. O coração batia mais rápido no momento em que pôs a cabeça de fora.

O cenário era dantesco. Umhas casas ardiam, outras ficaram sem telhado, as bétulas que ornamentavam os passeios estavam nuas ou derrubadas no chão, havia carros virados ao contrário e outros atirados contra o casario. Não se via uma pessoa. Mas foi quando se voltou para observar a parte norte da rua que Alex entendeu finalmente o que tinha acontecido: por entre as cinzas que caíam suavemente sobre a cidade, distinguia-se no horizonte um vulto gigantesco e inconfundível, a apontar ao céu, que só podia ser o que restava de um cogumelo nuclear, já em fase de resolução.